

## **Considerações sobre o discurso religioso em ambientes digitais: uma possibilidade de diálogo segundo Mikhail Bakhtin<sup>1</sup>.**

Rogério Tiago Miguel<sup>2</sup>

Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, PUC-Minas,

### **RESUMO**

As estruturas litúrgicas de várias religiões estão atualmente atravessando grandes transformações, consequência de alterações nos modelos comunicacionais. Encontramos duas imediatas implicações pontuais de tais transformações: admitir que não podem permanecer no formato tradicional onde a intervenção na mensagem não é perceptível ou se aventurar no novo modelo, valendo-se dos novos aparatos comunicacionais digitais e se afirmarem nele, admitindo que estão diante de uma nova realidade em que a comunicação alterará as antigas formas de fazer a religião. Desta vez, o religioso interfere ativamente na mensagem pelas possibilidades interativas, próprio de ambientes digitais e por sua vez desenvolve uma prática religiosa dialógica sustentada pela teoria dialógica de Mikhail Bakhtin o que abre novas considerações no campo das Ciências da Religião.

Palavras-chave: Religião. Discurso Religioso. Ambientes Digitais Religiosos. Dialogismo.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Comunicação e Religião do XVIII Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do 41º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Mestre em Ciências da Religião pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC-Minas), campus Coração Eucarístico. Pesquisador e membro dos grupos de Pesquisa, Religião Pluralismo e Diálogo (REPLUDI), Mídias, Religião e Cultura (MIRE), Professor do Colégio Maxxi, e-mail: rogeriotiagomiguelit@gmail.com

## **ABSTRACT**

The liturgical structures of various religions has gone through large transformations, as a consequence of changes in communications model. We find out two instantaneous implications of such transformations. First: they have to admit that they can't remain in the traditional model of communication where the intervention in the message is not perceptible or they have to venture into a new model, asserting themselves, taking refuge in the new digital communication devices, admitting that they are facing new reality in matter of communication which alters the ancient ways of religion. Therefore, the religious person actively interferes in the message by the interactive possibilities, owned of digital environments and trough them he develops a dialogical religious practice, supported by the dialogical theory of Mikhail Bakhtin which opens door for new considerations in the Religious Sciences of the Religion.

Key words: Religion. Religious Discourse. Digital Religious Environment. Dialogism .

## **Introdução**

Os ambientes digitais se estabelecem como potencial pois reconfiguram o modelo de comunicação clássico em outro paradigma comunicacional. Este novo paradigma propõe abertura de novos espaços nos quais a prática religiosa adquire novos significados ampliando os níveis da relação entre os religiosos.

A religião, neste novo paradigma, assume novas dimensões, novas formas e uma alteração na sua estrutura discursiva. Com efeito, neste novo modelo se permite que o emissor e o receptor interajam possibilitando a presença de interferências. Diante disso, há uma necessidade de reconfigurar aquele modelo de comunicação tradicional com vista a responder as demandas deste novo paradigma.

As características desta nova modalidade religiosa não estão presentes no modelo tradicional e conservador, pois este modelo tradicional valoriza, acima de tudo, a presença física e estabelece suas relações através do fator presença entre todos os sujeitos envolvidos na comunidade. Este modelo apresenta inflexibilidades.

Porém, uma das características importante de ambientes digitais é a flexibilidade, a rapidez, a eficácia e a interatividade. Diante deste cenário, levantam-se aqui questões pouco antes discutidas no campo das Ciências da Religião: ampliação do campo de interação religiosa, ubiquidade nas religiões, conectividade religiosa em tempo real, interação e interatividade nos discursos religiosos, papel das religiões na sociedade em rede, aspectos da transcendência em ambientes digitais, a autonomia do religioso, papel do líder religioso numa religião mediada por tecnologias etc.

A religião, como instituição social, constrói signos e sistemas simbólicos que lhe representam e que também representam o real – não sendo a realidade em si, mas representada por meio de signos outra realidade, a realidade transcendental, a do sagrado.

Visto que o ser humano é interativo por natureza e esta interatividade se constitui como um dos princípios do fenômeno religioso, então o mesmo interage tanto com o sagrado quanto com o meio que o cerca, incluindo o seu semelhante. Esta interação depende inteiramente da linguagem para que aconteça. No entanto, Bakhtin (2006) entende que essa interação entre sujeitos é o princípio fundador tanto da linguagem como da consciência. Ela é dialógica porque a vida do homem é marcada pelo princípio dialógico

que se constrói por meio de consciências. A consciência por sua vez se “alimenta” de signos. Por outro lado, Bakhtin (1993) diz que uma interação acontece quando se faz uso de instrumentos, de signos e faz parte da relação do sujeito com o mundo. Portanto, só conhecemos algo porque temos signos e estes, como alimentos da consciência, se encarregam de trazer os significados.

A consciência está relacionada de maneira íntima com a vida, com a descoberta do sagrado, uma vez que “a experiência com o sagrado se encontra na relação do ser homem com o mundo. Encontrar caminhos que justifiquem de que forma os ambientes digitais podem ser aliados às práticas religiosas e, a partir das propostas de Bakhtin, fornecer bases que justifiquem a interação entre o fiel emissor e o outro fiel receptor em práticas religiosas de ambientes digitais. Esta proposta interativa se justifica a partir do momento em que ao usar os ambientes digitais, o líder religioso ou o enunciador da mensagem de fé possa penetrar no universo da interatividade e o receptor, neste caso, o fiel religioso, em suas práticas religiosas (missas, cultos, orações, rezas, consultas mediúnicas, meditações, etc.), se torna um receptor ativo e participativo e, até certo ponto, autônomo. Diante deste cenário o universo religioso se apropria de algumas formas oferecidas pelos ambientes digitais e as colocam a serviço das religiões. Um fiel pode acessar o canal no Youtube de sua igreja e participar em tempo real de uma missa ou de um culto. Todos estes exemplos servem para demonstrar que um novo modelo religioso, baseado na interação e na interatividade pelos ambientes digitais (computador e outros recursos tecnológicos interativos), emerge como uma outra forma de usar a linguagem.

### **Sobre os elementos constituintes do discurso: signo, palavra e linguagem**

Apresentar os elementos essenciais para a construção de um discurso, bem como as suas funções é tão necessário para compreender o discurso religioso veiculado em ambientes digitais. O discurso, neste caso, é repensado na ótica Mikhail Bakhtin, tendo em vista que suas abordagens discursivas se dão contexto sociocultural. Porém, antes de se tratar sobre o discurso propriamente dito, será importante citar, discorrer e compreender os elementos constitutivos do discurso: o signo, a palavra como signo, a religião como fruto de manipulação da linguagem, dialogismo como possibilidade para uma prática religiosa dialógica. Em Bakhtin, o signo tem um tratamento que pode ser adequadamente aplicado em várias áreas da sociedade.

---

A maneira como ele é compreendido e utilizado na sociedade, é tão essencial quanto a linguagem. Segundo Bakhtin, o signo pode ser entendido com arena da luta de classes, um campo de oposições e de confrontos (BAKHTIN, 2006, p.35). Por outro lado, ele entende que o signo é um elemento ideológico. Afirma que “Tudo o que é ideológico possui um significado e remete a algo que está fora de si, e tudo o que é ideológico é signo. Sem signo não existe ideologia” (BAKHTIN, 2006, p.35).

Portanto, na esfera ideológica se encontra também a representação do símbolo e se organizam as instituições (BAKHTIN, 1993). É aqui onde as religiões se posicionam na sociedade. Considera-se que o ser humano cria signos, está rodeado de signos e interpreta os signos em sua volta, todo este exercício é para compreender o universo que o cerca e interpretar-se na sociedade. E, se o signo surge para as significações e interpretar uma realidade material, então, há um nível de participação da consciência.

A consciência só pode se afirmar como realidade a partir da encarnação material em signos (BAKHTIN, 2006). Diante dessas assertivas, surgem algumas questões: como se pode compreender o signo então? Bakhtin responde dizendo que somente se compreende o signo ao aproximá-lo de outros signos já conhecidos.

Sabe-se de antemão que a religião se encontra no campo do sagrado, do misterioso, do intangível, do transcendente; porém é na sociedade que as suas ações se manifestam, formando uma estrutura socialmente organizada com os seus modos de interação social também muito bem definidos. Aqui se considera a sua materialidade, que também pode ser assimilada por meio de signos. Se para Bakhtin o signo é uma convenção de grupos socialmente organizados (BAKHTIN, 2006, p.37), em síntese este signo sugerido por Bakhtin pode muito bem configurar a natureza e a estrutura religiosa, como uma organização social, um sistema de representações. Portanto, de que maneira o signo transita de um indivíduo para o outro? E ainda, de que forma este signo é transportado para que indivíduos de um determinado grupo social compreendam o seu significado? Bakhtin (2006, p.34), responde a esta questão: ele diz que existe uma lógica muito bem convencionada que dá aporte à comunicação ideológica. Esta lógica é a lógica da consciência. Por essa razão, Bakhtin propõe a palavra e, segundo suas observações, ela é um signo ideológico por excelência. No entanto, como apreender esta palavra como signo? De que maneira é feita a estrutura semiótica da palavra? No entanto, como

depreender esta palavra como signo? De que maneira é feita a estrutura semiótica da palavra?

### **A palavra como signo**

Para que as religiões façam sentido é fundamental compreender a palavra. Ela ocupa um lugar de suma importância no contexto social, uma vez que é ela que carrega os sentimentos mais profundos do ser humano. Do ponto de vista epistemológico, o que realmente é a palavra? Qual é o seu lugar na sociedade e no sujeito? Qual é a sua função primária e seu papel na esfera da existência humana? Qual lugar ela ocupa nas religiões? De que forma ela ocupa este lugar no campo religioso? A intenção aqui é compreender de que forma a palavra se enquadra no cenário religioso e qual é o seu papel na esfera social e religiosa. Procura-se posicionar uma reflexão da palavra a partir do ponto de vista de Mikhail Bakhtin e adequar o seu conceito de palavra à religião. O desejo de compreender a palavra, tem inquietado filósofos, teólogos, cientistas da religião, linguistas, psicólogos, sociólogos, antropólogos, matemáticos, e pesquisadores de outras áreas do conhecimento. Difícil tem sido delinear e mapear uma linha cronológica da sua origem. Porém, Bakhtin entende que a palavra deve ter originariamente nascido e se desenvolvido no curso do processo de socialização dos indivíduos, para ser seguida integrada ao organismo individual, tornar-se fala interior (BAKHTIN, 2006, p.64). A compreensão da palavra na sociedade pela ótica de Bakhtin passa pelo psicologismo. Veja a sua afirmação:

Não há signo interior sem signo exterior. O signo interior incapaz de penetrar no contexto dos signos interiores, isto é, incapaz de ser compreendido e experimentado, cessa de ser signo transforma-se em uma coisa física. O signo ideológico tem vida na medida em que ele se realiza no psiquismo e, reciprocamente, a realização psíquica vive do suporte ideológico (BAKHTIN, 2006, p.64).

Sendo assim a palavra é responsável por uma representação exterior de algo que interiormente tem um determinado sentido e ela é capaz gerar uma experiência. As religiões, se enquadram nesta lógica, pois, nelas a palavra traz carrega e produz um sentido específico podendo gerar experiências no religioso.

A palavra como signo é um dos elementos da comunicação. Ela se encontra de forma ativa no processo de troca de informações diante de um discurso. Tanto as religiões quanto outras esferas da sociedade, simplesmente se apropriam da palavra e a usam como signo. Diez (1997), ao falar da pedagogia da comunicação, afirma que o ápice da pedagogia divina da comunicação, se encontra no mistério da encarnação em que Deus não se limitou a mediação da palavra ou da imagem, mas sim assumiu a condição humana e encarnou-se para que um homem, Jesus de Nazaré, fosse pessoalmente palavra e imagem do Deus invisível.

O estudo da palavra é realmente inquietante, instigante e necessário, pois a compreensão da religião, como fenômeno social e seus efeitos na sociedade, depende de como este tão minúsculo elemento da fala, da língua bem como da linguagem é manipulado pelo sujeito religioso no seu ambiente de convivência cotidiano bem como dentro da sua própria comunidade.

A religião, como um sistema ideológico, é amparada pela palavra para veicular suas práticas e seus enunciados. Para Bakhtin (2010), a palavra veicula, de maneira privilegiada, a ideologia e ela serve como “indicador” das mudanças. Estas mudanças são notáveis e o signo é que se encarrega por ela.

A comunicação semiótica se interessa muito pelo estudo da palavra. Bakhtin (2010) diz que é precisamente na palavra que melhor se revelam as formas básicas, as formas ideológicas gerais da comunicação semiótica. A palavra também está dentro da lógica da comunicação ideológica que é a lógica da consciência. Sendo a religião da esfera ideológica, como enquadrar a palavra no discurso?

### **Religião como linguagem: o discurso e a enunciação religiosa.**

Nogueira questiona: por quê seres humanos precisam de linguagem? Por quê o homo sapiens não se contentou com as formas básicas de comunicação de outros animais? Visto que não faz parte do escopo deste trabalho discorrer todas as hipóteses referentes a essa questão, a demarcação para desenvolver esta seção se concentra em duas vertentes:

- a) o papel da linguagem na evolução da espécie humana;
- b) a relação existente entre a linguagem humana e religião

---

Para Deacon(1997), a linguagem é um recurso que tem origem biológica e se encontra na cognição e na cultura. Uma vez que o ser humano é racional ele se difere de outros animais, uma vez que para se comunicar ele usa um sistema simbólico. “O caminho de entrada para o mundo virtual da cultura nos foi aberto pela evolução da linguagem, porque a linguagem não é um mero modo de comunicação, mas é também a expressão de um modo de pensamento incomum: a representação simbólica (DEACON, 1997, p.80). Deacon deduz que o ser humano precisa de linguagem porque ele é mal adaptado para o seu meio ambiente e é naturalmente desajeitado. Sendo assim, a linguagem o possibilita na criação de um mundo mais humano. Para fundamentar seu argumento readapta os conceitos de Ícone, índice e símbolo de Pierce. Segue na sua compreensão afirmando o seguinte:

No ícone, o signo se relaciona com o objeto (referente) por meio da similaridade entre ambos (uma mão aberta como “pare”, por exemplo), no índice a relação é de contiguidade física ou temporal (fumaça indica fogo, por exemplo), já no símbolo a relação entre signo e objeto é mais complexa, sendo determinada por lei, causalidade, convenção (uma cruz como símbolo de esperança, por exemplo). (DEACON apud PASSOS; USARSKI,2013, p.445)

Deacon deduz que o ser humano precisa de linguagem porque ele é mal adaptado para o seu meio ambiente e é naturalmente desajeitado. Portanto a linguagem o possibilita na criação de um mundo mais humano. Para fundamentar seu argumento readapta os conceitos de Ícone, índice e símbolo de Pierce. Segue na sua compreensão afirmando o seguinte:

No ícone, o signo se relaciona com o objeto (referente) por meio da similaridade entre ambos (uma mão aberta como “pare”, por exemplo), no índice a relação é de contiguidade física ou temporal (fumaça indica fogo, por exemplo), já no símbolo a relação entre signo e objeto é mais complexa, sendo determinada por lei, causalidade, convenção (uma cruz como símbolo de esperança, por exemplo). (DEACON apud PASSOS; USARSKI,2013, p.445).

Neste tipo de textos estão aqueles que apresentam a linguagem religiosa, pois são duplamente codificados, híbridos, e hierarquicamente organizados. O ritual religioso é um exemplo deste texto porque quando encarado como texto, apresenta e é composto de diferentes subtextos: palavra oral, palavra escrita, cantada, gestos litúrgicos, danças, decorações do espaço, símbolos, vestimentas, disposições das pessoas, interação entre as pessoas, interação entre as pessoas e o espaço, leitura e entonação dos textos etc. Existe



uma variedade e multiplicidade bem como infinitos códigos, tratados de infinitas formas e geram a produção de outros novos textos. Para Bakhtin (2010) a linguagem abrange o concreto ato de falar e depende do sistema de signos de uma determinada língua. Este ato de falar é motor das instituições sociais. É no manifestar da linguagem que o ser humano se entende como ser social e desenvolve seus papéis sociais. Porém é necessário compreender a relação entre linguagem e atividades sociais desenvolvidas em qualquer seguimento da sociedade. Em seu livro “atividade de linguagem textos e discursos”, Bronckart, traz uma reflexão que pode nos levar a entender a religião como atividade socialmente organizada, que faz uso frequente do interacionismo sócio discursivo, uma vez que,

A espécie humana caracteriza-se, enfim, pela extrema diversidade e pela complexidade de suas formas de organização e de suas formas de atividades. Essa evolução espetacular está indissolavelmente relacionada à emergência de um modo de comunicação, particular, a linguagem, e essa emergência confere às organizações e atividades humanas uma dimensão particular, que justifica que sejam chamadas de sociais, dessa vez no sentido estrito do termo. (BRONCKART, 2009, p. 33, grifo do autor).

A sua linguagem é específica, os seus signos têm uma interpretação somente naquele campo de atuação, ainda que venham de outros ambientes, porém recebem um novo significado

A linguagem é, portanto, uma característica de atividade social humana, [...]. Se apresenta, inicialmente como uma produção interativa associada às atividades sociais, sendo ela o instrumento pelo qual os interactantes, intencionalmente, emitem pretensões à validade relativas às propriedades do meio em que essa atividade se desenvolve (BRONCKART, 2009, p. 33).

Se a linguagem é uma atividade social humana, como sugere Bronckart, conclui-se então, que em toda a espécie de encontros, o elemento de interconexões entre os indivíduos é a linguagem. Esta por sua vez servirá como rede de ligação entre os intervenientes presentes naquele ambiente e o fenômeno não será ao todo compreensível por quem observa as atividades de forma inadvertida. Neste caso, como entender a linguagem discursivamente? Deve-se partir do ponto de vista de como este autor entende a linguagem. Para ele, a linguagem não se limita à língua, vai além desta, podendo ser fundamentalmente o elemento discursivo por excelência. Por outro lado, encontramos também Bakhtin, que não estuda a linguagem de forma linear, mas sim, a partir do seu movimento dialógico e este movimento, necessariamente exige uma atitude

responsiva do leitor. É aqui que se encontra o “X” da questão. É neste ponto que Bakhtin e suas reflexões contribuem para este artigo. Esta atitude responsiva acontece dentro dos discursos. Por isso se faz necessário refletir sobre o “discurso religioso em ambientes digitais na perspectiva de Mikhail Bakhtin”. Procura-se saber se nestes ambientes o discurso religioso é dialógico ou não. Bakhtin se preocupou com esta questão e acredita-se que suas reflexões são uteis na contemporaneidade, apesar de não ser uma preocupação necessariamente religiosa, podem ser aplicadas para este contexto. Assim se pensa que o dialogismo, a partir dela a construção de uma religião participativa, mais dialógica

### **Dialogismo: uma possibilidade para prática religiosa participativa**

O discurso sobre o sagrado se encontra em diferentes e inusitados lugares da sociedade; alguns nas artes, outros nas literaturas, porém, o que se percebe na sociedade contemporânea, é que todos eles convergem e se encontram em um só lugar: Em ambientes digitais. Este ambiente, chega a ser como um ecossistema de discursos que se apresentam de diferentes formas. Na atualidade, este ambiente é propício para várias ações, de tal forma que o discurso se torna dialógico, democrático, participativo e responsivo. Nele, a religião toma outras dimensões, torna-se um “campo fértil” que se mantém pela enunciação, pelo discurso como sistema e meio de comunicação entre os fiéis. Para Bakhtin (2006), o discurso está na intercessão de outros discursos. A linguagem é uma resposta, uma reação, um confronto de ideologias, e para ele o “Outro” se encontra sempre lá para reagir aos discursos, um termo conhecido por Bubber e Levinas como alteridade. O dialogismo é uma recusa a qualquer forma fechada, autoritária, dogmática de tratar as questões da vida, visto que este elemento da linguagem é constituído por uma interação com o Outro e essencialmente dialógica, e ignorar sua natureza dialógica é o mesmo que apagar a ligação que existe entre a linguagem e a vida (BAKHTIN, 2006, p.268). Bakhtin defendia que o dialogismo ou então uma relação discursiva não se limita a uma interação face a face. Este posicionamento Bakhtiniano abre possibilidades de considerar que as religiões em ambientes digitais desenvolvem uma lógica de dialogismo Bakhtiniano, uma vez que neste perfil, os fiéis posicionalmente não se encontram face a face. O sujeito que está imerso em ambientes digitais deve ser capaz de compreender a lógica deles, ser capaz de traduzir signos linguísticos, de

compreender os fundamentos de suas crenças, para que faça o seu devido uso repleto de complexas linguagens. Por isso mesmo necessário se faz, dissecar o que seriam tais ambientes digitais religiosos. Das várias formas de linguagem, as tecnologias e seus ambientes vêm gerando uma nova forma de ver, conceber e de digerir a religião. Estudiosos de religiões, leigos, e fieis de diversas religiões encontram nas tecnologias, meios e nos ambientes digitais uma forma de se propagar, de estabelecer a sua identidade e veicular seus discursos, seus adereços, por meio de diferentes formas de signo: texto, voz, gesto, imagem, vídeo, etc.

### **Ambientes Digitais: novos espaços de fé para outras formas de prática religiosa**

A cultura digital é um campo ainda fértil para pesquisas e que exige uma metodologia criteriosa a fim de compreender a sua abrangência social. Há acertos, falhas, equívocos, devido à falta de clareza conceitual do que é digital do que não é. Isso acontece por causa das rápidas mudanças inerentes a sua estrutura. Para Santaella,

Há uma espécie de discurso consensual sobre o caráter revolucionário e sem precedentes das transformações tecnológicas e culturais que a era digital está trazendo para o mundo. Esse consenso vem tanto daqueles que celebram quanto dos que lamentam essas transformações (SANTAELLA, 2013, p. 33).

No entanto, Santaella diz que o computador não é mais uma mídia. É mídia das mídias e é uma mídia semiótica (SANTAELLA, 2013, p.17). Do ponto de vista semiótico, Bakhtin serve de suporte e de auxílio para refletir de que maneira os ambientes digitais estão repletos de signos, e como estes signos são interpretados pelo religioso imerso em tais ambientes? Seus conceitos são amplamente usados em ambientes digitais sem perder a essência. Os ambientes digitais comunicam, e esta comunicação é, em essência, interativa. E interação é o campo de pesquisa de Bakhtin. Bakhtin entende que toda a atividade humana é dialógica, e se é dialógica é interativa. Mas Pearlman, compreende que ambientes digitais só existem para que seus usuários desenvolvam interações, bem como para fazer das tecnologias digitais úteis e usáveis por e para pessoas (PEARLMAN, 1998). Ambientes digitais são espaços em que a circulação de discursos religiosos é muito frequente. Neles, podem ser encontrados vários sites religiosos, nos quais podem ser praticados os ritos religiosos e o fiel tem sempre a possibilidade de criar um perfil, deixar

sua identidade fluir, comentar, concordar, discordar e até reconstruir outros discursos a partir de um dado discurso. É um espaço em que as religiões desenvolvem quase tudo o que se realizava em ambientes físicos, só que desta vez, virtualmente.

### **Rumo a uma religião dialógica: um outro paradigma religioso.**

Com o crescente número de ambientes digitais e o surgimento de novas formas de comunicar, irrompeu-se este outro paradigma no processo comunicativo que interfere na forma de interação social. Thompson (2010) chamou este paradigma de paradigma que ultrapassa a interação face a face em direção à interação mediada, “aquela que usamos um meio técnico” (THOMPSON, 2010, p.56). Santaella (2013, p.254) diz que, o acesso a informação, à comunicação e à aquisição de conhecimento tornam-se colaborativos e compartilháveis. Como é que as religiões se posicionam diante deste grande e complexo universo simbólico e repleto de signos, fruto do paradigma comunicacional de ambientes digitais? Nestas complexidades, as religiões, como instituições socioculturais, são desafiadas pelos computadores e seus derivados e são convidadas a reconsiderar a anterior lógica comunicacional por se depararem com novos ambientes comunicacionais, novas linguagens de múltiplas e complexas estruturas semióticas que emergem nestes novos espaços (SANTAELLA, 2013, p.116). Na internet, o “ecossistema de ambientes digitais” é um “mundo” de inúmeras possibilidades. Neste “ecossistema” se encontram as mais variadas formas de interconexão com pessoas de diferentes lugares criando caminhos de partilha, experiências e opiniões, chegando mesmo a influenciar aqueles segmentos da sociedade que até então eram ultraconservadores (SANTOS, 2014, p.48). Os ambientes digitais, interferem ativamente nas formas de se fazer religião de tal maneira que o religioso se torna um sujeito ativo passando desta feita a ser participativo na formulação do conhecimento da sua crença. Visto que esta participação ativa é inerente ao ser humano, como agente de sua própria história, então, o religioso encontra no ecossistema digital uma possibilidade de reinterpretar a sua própria experiência religiosa. Assim sendo, o acesso à informação religiosa em tais ambientes se estabelece por meio de uma outra lógica nas relações: pode ser encontrada entre as instituições religiosas. Estes espaços digitais são outros territórios” em que a presença física não é necessária, essencial e nem obrigatória. Estes ambientes são lugares em que o tempo e o espaço são voláteis, não

lineares, fluidos e onde a lógica é fundamentada na participação ativa, bidirecional e dialógica.

O religioso não espera ir “naquele espaço previamente predefinido” e nem naquele tempo especificamente separado para exercício da sua prática religiosa. É ele quem escolhe o espaço e o tempo e o conteúdo de seu interesse. Discursivamente, portanto, o religioso constrói o seu sentido religioso, como se dirigisse diretamente a Deus, interagindo com ele, (SBARDELOTTO, 2012, p.4). Pode-se, no entanto, dizer que o modelo religioso tradicional está sofrendo uma metamorfose na sua constituição. Para Sbardelotto (2013) estas metamorfoses estão acontecendo porque a internet passou a ser uma ambiência social e discursiva da vivência, da prática e da experiência da fé, ocorrendo assim uma “revolução no fazer religioso”. Sbardelotto (2013, p.5) fala de um deslocamento nas práticas de fé ao ambiente online, a partir das lógicas midiáticas, complexificando o fenômeno religioso. Este é o local no qual a religião se apropria de recursos digitais para transmitir a sua fé e as pessoas passam a encontrar a fé nas religiões de bits e pixels (SBARDELOTTO, 2013, p.5). A estrutura dos sites pesquisados oferece possibilidades para interferência do religioso, podendo neste sentido interagir com o outro (religioso, outra instituição religiosa ou líder religioso).

Para Sbardelotto (2013, p. 5), no que se refere a temporalidade, o religioso passa a viver um tempo policrônico, aquele em quase todos os aspectos ritualísticos. As implicações desta realidade são várias. Segundo Sbardelotto (2013), no tempo policrônico altera-se a forma de adoração, que não depende mais de local e tempo, de acompanhamento espiritual que não depende mais de hora e local previamente definido, o religioso pode organizar sua vivência religiosa. Neste tempo há também o deslocamento da autoridade da igreja sobre a vida do religioso, este último se torna um coautor dos discursos e de novos sentidos. Do ponto de vista de novas espacialidades, o religioso desde que conectado, se insere em uma nova forma de presença, por meio da (não) presença ou então “antipresença” (SANTAELA, 2013; MANOVICH, 2000 apud SBARDELOTTO, 2013). A recepção da informação ou do discurso religioso assume um novo posicionamento, fazendo do receptor um sujeito ativo e participativo. E, do ponto de vista de novas discursividades, parte-se do pressuposto de que o religioso se torna participante do discurso, construindo o seu próprio sentido. Desta forma, ele está inserido em um ambiente social concreto polifonicamente, complexo e se circunscreve

intersubjetivamente a partir de relações dialógicas entre “EU e TU”, “Eu e Outros”. Instaura-se, assim, a interdiscursividade que não pode ser reduzida aos limites do discurso dialógico ou então ao inacabamento, tanto do discurso quanto dos sujeitos, pois este religioso somente se torna sujeito quando participa do processo discursivo a partir de uma construção “negociada” do sentido. Ele não é um sujeito sobreposto ao contexto social, muito pelo contrário, faz parte do contexto, está imerso nele. O religioso é um sujeito, a priori, eu-para-si, mas também, Eu-para-Outro, uma condição de inserção social (BAKHTIN,1992, 85). Enfim, na internet, pelos ambientes digitais instaura-se uma nova configuração de comunidade, que na verdade é nova, mas sim, uma continuidade da comunidade tradicional. Nesta, o religioso partilha até as suas mais íntimas experiências, neste caso, experiências com o sagrado antes tidas como privadas, hoje públicas e publicitadas pela lógica de protocolos do universo digital: fluida, líquida, virtual e ao mesmo tempo mantendo seu aspecto institucional (SBARDELOTTO, 2013). Tudo isso nos leva rumo a uma reconstrução do discurso religioso dialógico.

## **Conclusão**

Práticas religiosas em ambientes digitais, o fiel tem a possibilidade de concordar com o discurso, de discordar e expor claramente o seu ponto de vista que se torna acessível e visível para o outro, possibilitando assim a presença da alteridade, diálogos e tensões. Esta modalidade de prática religiosa propicia aos fiéis uma prática religiosa mais autônoma, criativa e crítica dos discursos.

Os discursos religiosos em ambientes digitais também se caracterizam por ampliar o espaço de diálogo entre os religiosos e também entre o religioso e a sociedade. No modelo religioso conservador, essa autonomia é muitas vezes temida pelos líderes das instituições religiosas, pois alguns vislumbram a perda de posição e de autoridade religiosa. A mudança de paradigmas acontece quando se percebe essa alteração nos modelos. Diante desta constatação, essa liderança religiosa é instigada a rever seus modos de comunicar a fé. O outro desafio que se encontra neste novo paradigma é a compreensão desta outra lógica, na qual o fiel está ou se encontra. Uma vez que no modelo religioso de ambientes digitais se eliminam as vivências lineares, de leitura e escuta e se estabelecem as vivências hipertextuais, muita coisa muda.

Desta forma, todo o sujeito é desafiado a desenvolver a sua autonomia no processo da construção de sentido da sua religião.

---

**REFERÊNCIAS:**

- ARRY, Roger. **A ascensão da mídia: a história dos meios de comunicação de Gilgamesh ao google**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012.
- BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. **Para uma filosofia de ato**. São Paulo: Hucitec, 1993.
- BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 2. ed. São Paulo: Hucitec, 2006.
- BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. **The dialogic imagination: four essays**. Austin: university of Texas Press, 1981.
- BARTHES, Roland. **Elementos de Semiologia**. São Paulo: Cultrix, 1972.
- BAZÁN, Francisco Garcia. **Aspectos incommuns do sagrado**. São Paulo: Paulus, 2002.
- BENJAMIM, Walter. **A obra de arte na época de sua produção mecanizada**. (In) magia e técnica, arte e política: Ensaio sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Obras escolhidas, 1994.
- BERNARD, Frederick M. **Culture and civilization in modern times**. In WIENER, Phillip. Dictionary of history of ideas. Studies of selected pivotal ideas. New York: Routledge, v 1.1, p.613-621, 1998.
- BORBA, Silva Francisco da. **Organização de dicionários: uma introdução à lexicografia**. São Paulo: Unesp, 2003.
- BRAGA, Denise Bertoli. **Ambientes digitais: reflexões teóricas e práticas**. São Paulo: Cortez, 2013.
- BRONCKART, Jean-Paul. **Atividades de linguagem, textos e discursos: por um interacionismo sócio discursivo**. 2. ed. São Paulo. Educ, 2009.
- CASTELLS, Manuel. **A Sociedade em rede**. 8. ed. São Paulo: Paz e terra, 1999.
- CHARAUDEAU, Patrick & MAINGUENEAU, Dominique. **Dicionário de Análise do Discurso**. São Paulo, Contexto, 2004.
- CRESWELL, John W. **Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto**. 3. ed. Porto Alegre: Artmed / Bookman, 2010. DEACON Terrence W. **The Symbolic Species: The Co-evolution of Language and the Brain**. New York: Norton, 1997.
- SANTAELLA, Lúcia. **Culturas e artes do pós-humano: da cultura das mídias à cibercultura**. São Paulo: Paulus, 2013.
- SANTAELLA, Lucia. **Navegar no ciberespaço: o perfil cognitivo do leitor imersivo**. São Paulo: Paulus, 2004.
- SANTAELLA, Lúcia. **A teoria geral dos signos: como as linguagens significam as coisas**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2004.
- SBARDELOTTO, Moisés. **E o Verbo se fez bit: a comunicação e a experiência religiosas na internet**. Aparecida: Santuário, 2012.
- SBARDELOTTO, Moisés. Entrevista: **Moisés Sbardelotto**. Revista Último Andar, n. 28, p. 5-18, 2012.